

A CRIANÇA SURDA COMO CONTADORA DE HISTÓRIAS

Maria de Lourdes da Silva*

Resumo: O presente trabalho pretendeu esclarecer ao leitor sobre as dificuldades que a criança surda apresenta em relação ao entendimento da literatura, bem como o educador deve agir diante de tal situação. O objetivo geral desse trabalho foi compreender como a criança surda aprender a contar histórias. Já os objetivos específicos foram: abordar questões voltadas à literatura surda; descrever sobre as práticas pedagógicas que o educador pode utilizar para ensiná-las e; identificar os recursos materiais adaptados que podem ser utilizados com a criança surda. Mostra que é essencial fazer com que as pessoas reflitam e compreendam que a literatura pode se tornar um marco em nossa vida, pois nos traz descobertas e aprendizagem, bem como o quanto ela pode se tornar fácil de ser compreendida, quando adaptadas aos surdos. Por fim, concluiu-se que é possível incluir a criança surda na sala de aula com os ouvintes desde que o professor realize adaptações nas histórias infantis, respeitando as necessidades linguísticas e culturais da mesma.

Palavras-chave: Literatura. Criança Surda. Contação de História. Práticas Pedagógicas.

Introdução

Ao nos reportarmos ao tema Literatura surda, Strobel (2008, p. 61) corrobora descrevendo que é através dela que são transmitidas lembranças vividas por povos Surdos em diferentes épocas, sendo que ela se apresenta em variados tipos de literatura como “poesias, história de Surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, romances, lendas e outras manifestações culturais”.

Dessa forma, se faz necessário sabermos um pouco sobre a história dos Surdos, uma vez que ela vem sendo passada através da literatura por estudiosos. Os pais contavam histórias aos seus filhos Surdos através da fala e estes por sua vez as transmitiam através dos sinais. O autor destaca que embora os Surdos contassem suas histórias nas comunidades às quais pertenciam, ainda existem poucas pesquisas sobre a literatura surda (MOURÃO, 2011).

A comunidade surda registra as histórias da Literatura Surda através dos contatos que mantém entre si, utilizando a Língua de Sinais. Embora não se tenha muito dessas histórias

* Universidad de La Empresa. E-mail: malusilva75@uol.com.br

documentadas, elas continuaram vivas apenas nas lembranças de alguns Surdos (KARNOPP, 2010).

Diante disso Mourão (2011, p. 72) acrescenta que:

Não é fácil definir a literatura surda. Assim como não há uma única conceituação para a literatura em geral, também não há uma definição única para a literatura surda. Quando se fala nela especificamente vemos que está relacionada às representações produzidas por Surdos, em que se produzem significados partilhados em forma de discurso - sem eles, não há representação surda. Os significados são modificados dentro do círculo da cultura, e o sujeito não cria sozinho a cultura, já que sempre há o coletivo produzindo significados.

A Literatura Surda vem mostrar histórias vividas pelos Surdos expondo as dificuldades enfrentadas por eles, quando oprimidos pelos ouvintes e, a acima de tudo, a maneira que conseguiram superar os imprevistos. Podemos certificar-nos nos registros, atos de pessoas que lutavam pela causa dos Surdos e o reconhecimento das identidades surdas (STROBEL, 2008).

Este tipo de literatura mostra as memórias da comunidade surda, as quais não são importante só para os Surdos, pois muitos ouvintes frequentam esta comunidade e procuram saber como são essas histórias através das interações que mantêm (MOURÃO, 2011).

Da mesma forma Karnopp (2010) nos traz que essas obras vêm mostrar-nos como era a vida dos Surdos, focando sobre o relacionamento direto e indiretamente entre Surdos e ouvintes, causando situações conturbadas ou afetuosas de acolhida ou conflitos entre eles.

Segundo Strobel (2008), por décadas as histórias dos Surdos eram contadas por gestos que muitas delas eram vivenciadas pelas comunidades surdas, onde se passavam valores sendo que esses laços são ligados com as gerações mais novas de Surdos.

A referida autora acrescenta que quando olham para o passado eles vêm quantas conquistas conseguiram ao longo desses anos através dos descobridores da sua cultura surda. Essas lembranças existem há décadas sendo que os Surdos utilizam diversas formas de estabelecer uma comunicação, como por exemplo, Língua de Sinais, desenhos, expressões faciais e corporais.

Nesse sentido Karnopp (2010) diz que com as inovações tecnológicas as histórias começaram a ser divulgadas em diversos lugares através das línguas de sinais sendo que essas histórias eram gravadas em VHS, CD e DVD para que se espalhassem. Diz que pode-se usar outras formas de propagar essas histórias inserindo artigos que tenham figuras, fotos, ou que sejam traduzidos para o português.

Assim sendo Rosa e Klein (2011, p. 91) salientam que:

Diversas vezes os Surdos tentaram buscar informações e conhecimentos através de livros, mas a leitura na língua escrita tornava se difícil. Agora com as traduções para o CD, DVD em línguas de sinais, o entendimento é claro. Esses materiais tornam-se mais fáceis e claros de serem entendidos devido a alguns fatores neles presentes e identificados como elementos da cultura surda: a língua de sinais o movimento as expressões faciais e corporais, o que é facilmente absorvido pelo indivíduo surdo que o assiste.

As diversas obras que existem na comunidade surda podem ser compartilhadas em sua própria comunidade, já outras são conhecidas em âmbito mundial, pela sua divulgação em encontros de diversas modalidades: esportivos, internacionais, educacionais, etc. A Universidade de Gallaudet disponibiliza em sua biblioteca diversas obras que podem servir para que pessoas interessadas em saber mais sobre a Literatura Surda possam usar sendo que essas podem ser vistas através de vídeos transmitidos por uma pessoa que domine a Língua de Sinais, o acervo dessa biblioteca é disponibilizado em American Sign Language (ASL). No Brasil também há concentração diversos poetas, escritores, atores, artistas Surdos pertencentes a comunidades surdas (MOURÃO, 2011).

A LIBRAS passou a ser aceita no Brasil com o objetivo de melhorar e apoiar as famílias, a escola, e os Surdos dessa forma conquistaram diversos recursos tecnológicos todos em língua de sinais para que possa ser utilizado para adquirir entendimento sobre sua linguagem (ROSA; KLEIN, 2011).

Ressaltam ainda que a LIBRAS é utilizada somente no Brasil e dependendo do lugar que se encontre há uma diferenciação de sinais. Essa diferença é conhecida como regionalismo. Por isso que as obras digitais feitas no INES, dependendo da região que se encontre, o surdo terá dificuldade para interpretar os vídeos, pois se usa os sinais do Rio de Janeiro, onde se situa o instituto, mesmo com essas diferenças, o surdo pode analisar o contexto do vídeo, para entender o seu conteúdo (ROSA; KLEIN, 2011).

Através das LIBRAS pode se buscar uma variedade de obras sobre literatura popular que geralmente se encontram em locais frequentados por Surdos como associações, escolas, muito dessas histórias são gravadas em vídeos em libras ou na língua portuguesa. Sendo que essas histórias podem ser usadas como provas da civilização dos Surdos (KARNOPP, 2006).

A Literatura Surda propicia aos Surdos a conhecerem mais sobre a sua cultura e sua linguagem por que várias pessoas não tem conhecimento sobre ela. Essas literaturas são indicadas para as crianças, pois são uma forma de esclarecer e as ingressar na sua cultura, aprendendo esta língua que a ajudará a construir sua identidade. Estas histórias que

apresentam a cultura surda também são importantes, pois muitas pessoas surdas não conhecem essa língua (ROSA; KLEIN, 2011).

Utilizamos a expressão literatura surda para histórias que tem na Línguas de Sinais a questão da identidade e da cultura surda presente nas narrativas. [...] é a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, [...] está presente na comunidade surda e é socialmente relevante o registro dessas histórias, pois pode proporcionar, principalmente às escolas, um material baseado na cultura das pessoas surdas (KARNOPP, 2006, p.102).

Dessa forma, Azevedo e Sardinha (2006) apud Morgado (2011) fala que ao compartilhar com uma criança a literatura você deixará que ela tenha chance de reconhecer e entender o mundo que a cerca ampliando seu conhecimento, seus aprendizados linguísticos e culturais. Esse compartilhamento da literatura é essencial, para que a criança surda não fique restrita ao mundo ouvinte.

Há uma diferença no modo de contar histórias entre uma pessoa ouvinte e uma pessoa surda, por isso destaca a importância da presença de um interlocutor surdo juntamente com o professor ouvinte treinado por contadores surdos para ser realizada a contação de histórias.

Os Surdos costumam contar histórias em Línguas de Sinais, as quais são um costume das comunidades surdas. Estas os remetem a valores próprios do povo a qual pertencem, uma vez que são transmitidas de geração a geração (KARNOPP, 2010).

1 O aprendizado da contação de história por crianças surdas

Segundo Albres (2010) as crianças surdas têm a necessidade de ter a história contada diversas vezes, para que elas assimilem a parte que foi visualizada. A professora registra esta história por meio de vídeos e depois a criança visualiza sua contação. É importante lembrar que as crianças menores se dispersam com facilidade e, se a história for muito longa, elas se focam nas figuras. Daí a necessidade do professor usar a criatividade para conseguir a atenção delas, utilizando-se de acervo diversificado de livros.

A mesma autora ressalta que um fator, que deve ser trabalhado é a descrição dos personagens e dos cenários onde ocorre a história, não bastando apenas, mostrar as gravuras do livro. Se faz necessário, incluir os adjetivos, para auxiliar a criança a visualizar o personagem apresentado e, ao realizar a contação de história, o professor precisa fazê-la na Língua de Sinais.

Ao contar história para os alunos ouvintes, o educador utiliza como recurso a entonação de voz para prender a atenção das crianças, passando a emoção da história. Essa mesma situação acontece com as crianças surdas, porém, para que sua atenção seja total, o professor deve utilizar como recursos: as expressões faciais, corporais e os sinais da história (HACHIMINE, 2006).

De acordo com Morgado (2011), o ideal é que o educador que irá contar a história para a criança também seja surdo, por apresentar as seguintes características: ter uma referência de mundo visual, ter uma identidade surda e apresentar a Língua de Sinais, como sua primeira língua. O importante é que as histórias sejam oferecidas nessa língua, para as crianças surdas mesmo que ainda não dominem a habilidade da leitura.

Continuando sua linha de raciocínio, é de extrema importância que a criança surda tenha o máximo de contato possível com adultos Surdos, pois, eles serão os contadores de histórias para estas crianças, transmitindo-lhes um importante legado da sua comunidade.

A autora Albres (2010), nos traz o seguinte exemplo: *“o professor descreve um personagem detalhadamente, e em seguida faz o sinal deste personagem. No decorrer da história, ele realiza apenas o sinal, para lembrar as crianças de qual personagem está sendo falado. O professor deve conhecer bem a história antes de contá-la e para a descrição do personagem, pode utilizar a mímica, por exemplo, e o seu foco deve ser a criança surda, com o objetivo de encantá-la e introduzi-la no mundo de fantasia da história”*.

Sá (2002), Dias e Pedroso (2000) apud Hachimine (2006) em seus estudos identificam que a contação de histórias para as crianças surdas deve ser realizada em Língua de Sinais e que o narrador pode fazer uso das expressões faciais, da posição do corpo e do campo visual da criança, que são os constituintes da língua de sinais.

A aprendizagem da criança surda ocorre através da leitura e das suas experiências visuais, nesse processo, o livro tem um papel muito importante, pois nele, a criança encontra diferentes textos e imagens para desenvolver as habilidades da leitura e da capacidade visual (ROSA, 2006).

Albres (2010) salienta que a vivência de momentos de leitura para a criança é importante, pois este contato é prazeroso e auxilia no desenvolvimento da linguagem e no estímulo para a criança ser leitora, recomendando que no ambiente escolar, seja preparado um espaço com diversos gêneros textuais, como, por exemplo: livros, gibis e fantasias que permitam um fácil acesso por parte dos alunos.

Ainda de acordo com a autora citada acima, o professor necessita enriquecer o texto, ao contá-lo em LIBRAS, deixando-o mais agradável, divertido e trazendo vida ao mesmo,

utilizando sua criatividade, com o objetivo de chamar a atenção dos alunos, que são o seu público-alvo.

De acordo com Morgado (2011, p. 162) “é considerado grave que as crianças surdas não tenham acesso natural às histórias, o que é passível de lhes causar déficits nos níveis cognitivo, linguístico e emocional, perturbando as questões da sua identidade”.

Ao contar história para as crianças não se deve realizar apenas para distrair e ocupar o tempo das aulas. O educador, precisa ter como um dos objetivos, relacionar as situações que ocorrem nas histórias, com as que ocorrem no mundo real, ensinando-lhes valores e enfatizando a importância cultural das diversas histórias (HACHIMINE, 2006).

Alves e Karnopp (2002) afirmam que quando contam uma história, os Surdos alteram o conto tradicional em uma história que tenha ligação com o seu contexto cultural e isso acontece pela necessidade das pessoas compreenderem a história que estão contando.

Acrescentam que quando vão transmitir um texto da cultura ouvinte para a surda, as pessoas surdas adaptam o texto, mantêm algumas partes, desconsideram outras, acrescentam algumas informações, transformando o texto de uma cultura para outra.

Concordando com os autores acima, Hachimine, Dias e Rosa (2008) descrevem que ao realizar o reconto de uma história, a criança transforma-a, repassando sua própria narrativa, contendo a visão de mundo que ela possui.

Dessa maneira Hachimine (2006) informa que esse aprendizado de contar histórias é importante para a criança, pois auxilia na construção dos pensamentos e ao contar para outras pessoas, ela realiza a construção de sua própria versão da história. A utilização da LIBRAS permite a reorganização do seu pensamento, o qual tem uma estreita ligação com a visão de mundo da criança.

De acordo com Gesueli (2000) quando a criança surda narra uma história, durante o processo de reconstrução da mesma, ela faz uso de histórias que conhece e do seu conhecimento de mundo. Ao realizar a narrativa da história, é de extrema importância ela utilizar a Língua de Sinais, terem contato com um adulto surdo e com a cultura surda que a auxiliam na reconstrução da história que está contando.

Ao participar ativamente deste processo, a criança surda aprende a utilização da linguagem e faz um trabalho de expressão desta linguagem (HACHIMINE; DIAS; ROSA, 2008).

Dessa maneira ao recontarem uma história, os Surdos para manterem a atenção das pessoas, tem o hábito de verificar o tempo de cada narrativa, não passando de 15 minutos para cada uma e ficarem atentos ao espaço, verificando que todos possam visualizá-lo, durante a

sua sinalização. Podemos listar alguns objetivos que podem ser alcançados com esta prática: expressão do pensamento, comunicação com outras pessoas, se divertir, se informar, entre outros (ALVES; KARNOPP, 2002).

Assim sendo Morgado (2011), descreve que as histórias trazem consigo uma carga cultural, que auxiliam tanto na transmissão de uma herança como também de uma identidade cultural, através de diversas gerações, por este motivo a criança surda necessita de ser inserida em um ambiente que lhe proporcione o máximo de contato com a cultura surda, através da língua viso-gestual e do contato com diversas pessoas surdas.

2 Práticas pedagógicas para ensinar crianças surdas a contarem histórias

De acordo com Kelman e Branco (2003), a contação de histórias para as crianças estimulam diversos aprendizados, como por exemplo, a definição sobre o mundo que a cerca, sobre os outros e sobre si própria, além de envolvê-la e interessá-la. A utilização de narrativas em sala de aula auxilia no desenvolvimento da expressão e da produção linguística da criança.

O professor precisa se atuar como um mediador do conhecimento para o aluno, e esta prática será concretizada nas atividades desenvolvidas na sala de aula, nos traz que no dia a dia ele deve planejar atividades que envolvam os alunos em práticas discursivas, tendo como um dos seus objetivos, formar alunos leitores, atribuindo sentido em suas leituras e alunos escritores, desenvolvendo a habilidade de produzir diferentes gêneros textuais, e deve ter com uma de suas prioridades, a utilização da língua portuguesa pelo aluno surdo (SÃO PAULO, 2008).

Honora (2014) destaca alguns critérios importantes que devem ser levados em conta, no trabalho com alunos surdos: estes alunos devem ter primeiramente um contato com a Língua de Sinais, para que em um segundo momento, serem inseridos no ambiente da língua portuguesa; o assunto do texto tem que despertar o interesse do aluno, para isso pode trazer um desenho ou uma gravura acerca do assunto tratado; por ter boa compreensão de estímulos visuais, o professor deve proporcionar materiais ricos neste tipo de estímulo.

Para a concretização destas práticas, o aluno surdo primeiramente deve vivenciá-las em LIBRAS, para depois construir seu conhecimento da Língua Portuguesa. Um dos objetivos que constam nas expectativas de aprendizagem, é que no final da Educação Infantil, a criança tenha adquirido a habilidade de contar histórias conhecidas, para que esta expectativa seja cumprida, o professor deve organizar momentos de leitura em sala de aula, ou em outro espaço escolar, e quando for um livro conhecido da criança, pode pedir a ela para

contar um trecho que saiba de memória ou contar o que leram para os demais colegas, em LIBRAS (SÃO PAULO, 2008).

Após a vivência de uma situação de leitura, o registro escrito, foto, imagem ou colagem são um importante apoio para a criança, no aprendizado da língua portuguesa. Uma das práticas que pode ser adotada pelo educador em sala de aula, após a realização do desenho de uma história conhecida, é o professor solicitar que a criança conte através da LIBRAS, o que registrou e o professor deve escrever em língua portuguesa embaixo do desenho ou anexa uma tira de papel (BRASIL, 2006).

Segundo o mesmo autor citado acima ele mostra outras sugestões para incentivar a criança a contar fatos ocorridos, como por exemplo, na roda de conversa, a criança conta através de LIBRAS e o professor escreve na lousa. O professor pode enviar como lição de casa, uma folha contendo imagens de uma história já trabalhada em sala de aula, contendo alguns espaços vazios, para os pais preencherem de acordo com o relato da criança.

Honora (2014) relata que o professor ao realizar a leitura de um texto e o intérprete fazendo a tradução em LIBRAS, após a leitura faz questionamentos sobre o texto, e realiza associações entre sinais e as palavras do texto, e no momento seguinte o aluno narra a história em Língua de Sinais e depois faz seu reconto. É importante o educador garantir uma atividade de leitura diariamente em sua rotina, pois os alunos aprendem a ler, lendo, por isto a importância desta atividade ser contemplada todos os dias.

Para Albres (2010, p.135):

O professor poderá contar a história na sala de aula (espaço do tapete), no pátio, no jardim a sombra de uma árvore ou com as crianças sentadas na escada. Quanto à disposição do grupo as crianças deverão ficar de frente para o professor. A posição de semicírculo é ótima, de modo que elas veem o livro ou o material que está sendo usado, o professor dramatizando e sinalizando a história [...].

O educador poderá também disponibiliza um teatro de marionetes, estimulando o desenvolvimento da linguagem da criança, bem como da criatividade. Deve-se contar histórias para as crianças utilizando livros com gravuras e estimular que a criança realize o reconto em casa. É destacado como uma importante estratégia para o desenvolvimento da linguagem a dramatização, onde a criança é estimulada a trabalhar e desenvolver tanto a língua de sinais como os gestos, tendo oportunidade de contar histórias utilizando a sinalização ou a dramatização, para os outros alunos da sala de aula (BRASIL, 2006).

Quadros e Schmiedt (2006) ressaltam a importância do planejamento da atividade de leitura pelo educador, que deve sempre trazer textos que estimulem a curiosidade do aluno,

que deve saber o porquê está realizando a leitura de um determinado texto, o professor também pode parar a leitura em um momento interessante e terminar em um outro momento ou no dia seguinte, estimulando a curiosidade da criança e propiciar um momento de expectativa, deixando as crianças imaginarem e falarem o que vai acontecer no final da história.

Honora (2014) ressalta que o educador deve analisar estas sugestões antes de aplicá-las com seu aluno, pois nenhuma criança é igual ao outra, lembrando que é muito importante no seu dia a dia o professor se planejar e também deve estabelecer objetivos, metas, realizar sondagens e observações, para analisar o caminho do trabalho que deverá percorrer com seu aluno.

3 Materiais pedagógicos de histórias infantis para crianças surdas

Quando se trabalha com as crianças menores é preciso oferecer diversos tipos de materiais durante contação de histórias, pois elas precisam visualizar o concreto para entender o que está sendo contado, por isso que o professor deve fazer uso de recursos como: gravuras, fantoches, figuras, livros, desenhos, teatro de sombras entre outros, usados isso no decorrer da história (ALBRES, 2010).

Nesse sentido Brasil (2006 p.49) nos informa que:

Alguns recursos visuais que podem ser utilizados pelo professor são objetos concretos, filmes, fitas de vídeo, fotos, gravuras de livros e revistas, desenhos, a escrita e ainda o uso da língua de sinais, da mímica, da dramatização, de expressões faciais e corporais, de gestos naturais e espontâneos que ajudam a dar significado ao que está sendo estudado.

Quadros e Schmiedt (2006) relatam outros exemplos de materiais que são utilizados na Educação Infantil, um desses materiais é o saco de novidades (figura 1), onde cada criança tem o seu, ela leva para casa durante o final de semana colocando algum objeto ou desenho que represente uma atividade que a criança vivenciou, e na segunda feira, conta em LIBRAS, para os demais alunos a experiência vivenciada, o professor pode auxiliar a criança, fazendo perguntas, para ajudá-la no seu relato o aluno pode realizar o registro escrito da atividade ou através de histórias em quadrinhos.

Figura 1– Saco de novidades



Fonte: (QUADROS, 2006)

Acrescentam também que pode ser utilizado o fichário de gravuras (figura 2) que contém figuras com a palavra escrita a baixo, que é usado em diversas situações de aprendizagem, citam a caixa de gravuras (figura 3) que tem uma variedade de imagens de pessoas, objetos, bichos com o objetivo de fazer a criança desenvolver sua imaginação e auxilia- lá durante a história.

Figura 2 – Fichario de gravuras



Fonte: (QUADROS, 2006).

Figura 3 – Caixa de gravuras



Fonte: (QUADROS, 2006).

Existem histórias sequenciadas que no começo pode ser apresentada apenas três figuras para as crianças, em seguida acrescenta-se outras figuras, primeiramente deve se oferecer a história que deverá ser em uma ordem cronológica para que a criança relate os fatos. Em seguida, as sequências não precisa ser entregue na ordem, assim ele poderá ordená-la da forma que achar melhor, isso será feito através da Língua de Sinais (BRASIL, 2006).

Na mesma direção Quadros e Schimiedt (2006) ressalta que professor poderá utilizar para o desenvolvimento da contação, de história a caixa com sequências (figura 4), que consiste em vários grupos de gravuras, o aluno escolhe uma sequência, e relata a história, pode criar diferentes finais, o educador pode mostrar somente a primeira e a segunda e pedir para o aluno criar o final da história.

Figura 4 – Caixa de histórias com sequências



Fonte: (QUADROS, 2006).

Mourão (2011), nos apresenta outros tipos de materiais como os que são disponibilizados pela Editora Arara - Azul que realiza tradução e distribuição de diversas obras clássicas literária da língua portuguesa para as LIBRAS em DVD (figura 5), fazendo também o ajuste de outros como a Cinderela Surda e o Patinho Surdo.

Figura 5 – DVD em LIBRAS Saci Pererê e Perten Pan



Fonte: <http://editora-arara-azul.com.br/portal/index.php/editora-arara-azul>

Este CD-ROM encontram-se sete histórias como “A cigarra e a formiga, A galinha dos ovos de ouro, A coruja e a águia, João e Maria, O gato de botas e Uma aventura do saci-pererê, Todas as histórias são contadas em LIBRAS e ainda com a opção em legenda em português que pode ser desativada a qualquer momento pelo professor.

Figura 6 – Histórias adaptadas



Fonte: <http://editora-arara-azul.com.br/portal/index.php/catalogo/materiais-bilingues-portugues-LIBRAS?limitstart=0>

É destacado também o auxílio que a mídia fornece, ao mostrar imagens de pessoas surdas fazendo Língua de Sinais, estimulando o aprendizado da cultura, identidade e das expressões faciais e corporais. O material em mídia, também representa uma grande colaboração no aprendizado da LIBRAS para as crianças, facilitando a leitura de obras e o aprendizado da escrita (ROSA, 2006).

Em sua pesquisa, o autor acima afirma da importância da produção de materiais de literatura surda em CD ou DVD, por que além de livros impressos, o recurso visual é entendido pelas pessoas surdas de uma forma mais fácil do que os livros podendo ser um grande auxiliador delas.

[...] no site <http://www.editora-arara-azul.com.br/> é possível encontrar a coleção “Clássicos da Literatura em CD-R em LIBRAS /Português”, em que as histórias que fazem parte dessa coleção permanecem no original e os materiais encontrados nessa editora priorizam a tradução de clássicos da literatura para LIBRAS. [...] há também materiais produzido pelo ministério da educação que incluem histórias infantis em língua de sinais, por exemplo:” Chapeuzinho Vermelho, “A raposa e as uvas” [...] Hino Nacional em LIBRAS”. Tais produções contam com a participação de surdos e realizam a tradução dos clássicos da literatura e do Hino Nacional para a língua brasileira de sinais, disponibilizando também a legenda em português (KARNOPP; MACHADO, 2006, p. 294).

As comunidades surdas utilizam esses livros nas escolas de surdos, mas podem ser usados por ouvintes em escolas comuns com o objetivo de estudar LIBRAS e poder compreender e refletir mais sobre a vida e situação dos surdos (ROSA, 2006).

Segundo Karnopp (2010) a autora nos apresenta também duas histórias que foram adaptadas para os surdos, clássicos da literatura que são a Cinderela surda e Rapunzel surda sendo estes traduzidos de forma bilíngue, o texto tem escrita em português e em língua de sinais que é chamada de Sign Writing (figura 7). As figuras pertencentes à história tem ênfase nas demonstrações faciais, juntamente com os sinais, onde essas informações mostram as representações da experiência visual.

Figura 7 – Cinderela Surda, escrita Sing Writing



Fonte: (HESSEN; ROSA; KARNOPP, 2007).

Morgado (2011) comenta que no Brasil existe diversas histórias que foram traduzidas dessa forma, citando a autora Karnopp que é uma das autoras responsável por uma coleção de clássicos famosos que foram adaptadas para os surdos utilizando esses sistemas de escrita SingWriting e língua portuguesa.

Concordando com a autora acima, Rosa (2006), ressalta a importância dos livros da literatura surda, incluírem a escrita de sinais, que é conhecida como Sing Writing, e acrescenta que só saberá interpretar essa escrita a pessoa que tiver conhecimento sobre a escrita da Língua de Sinais.

De acordo com Albres (2010) o espaço da sala de aula deve conter uma diversidade de materiais para que os alunos os explorem. Porém, não encontramos uma grande quantidade de materiais destinados às crianças surdas, por este motivo, o educador pode ir construindo seu acervo de materiais para que possa realizar um bom trabalho com os alunos surdos.

Considerações finais

Com este trabalho constataou-se que ainda há a necessidade de mais investimentos para que as produções literárias não desapareçam no esquecimento. Muitas coisas já foram feitas nos últimos dez anos, mas ainda existe a obrigação de potencializar outros conhecimentos para que a Literatura Surda seja disponibilizada a todas as pessoas Surdas.

Através desta pesquisa percebeu-se que o acervo ainda esta em processo de construção, e que muitas obras ficam limitadas a um determinado tipo de público, ou pelo preço ou porque são dificilmente encontradas em livrarias, a maior parte encontra-se disponível na internet. Isso compromete a construção de um acervo literário para que futuramente sejam conhecidas por outras gerações de Surdos.

Ao analisar as obras literárias percebeu-se que a maioria são produzidas em Língua Portuguesa, na modalidade escrita. Isso acontece porque a construção do leitor/escritor está ligada ao processo da maneira em que a formação do futuro gerador de obras literárias para Surdo esta sendo implantada. Com a falta do entendimento da escrita é possível que as histórias de surdos continuem sendo contadas sob uma possibilidade ouvintista. A comunidade Surda deve defender o seu direito em relatar as suas próprias formas de vida, constituindo uma memória literária surda que enriquece o passado e as suas conquistas ao longo dos anos na comunidade Surda através de obras impressas ou por meio da internet.

Com a Literatura Surda é possível alcançar oportunidades, incluir a possibilidades de novos conhecimentos que estão vinculados ao ambiente da Cultura Surda.

A transmissão literária independente da cultura de um povo é um episódio que esta em constante transformações, isso se da porque acontecem muitas mudanças de estilos devido ao homem poder vivenciar diversas experiências em diferente lugares do mundo, com isso, faz com que o sujeito mude a sua forma de compreender o mundo.

Desta forma a comunicação literária surda brasileira se iniciou e agora necessita que a comunidade Surda produzam tal arte para assim poder montar um patrimônio que sirva de orgulho cultural para a comunidade Surda.

A editora Arara Azul se tornou um dos principais meios de divulgação do trabalho literário por meio de livros e produções surdas em forma de vídeo. Foi um desenvolvimento muito necessário, mas ainda há muito o que ser feito em se falando de produções. Os materiais são muitos restritos que dificulta a utilização. Quando é se falado em distribuição a comunidade Surda ainda sofre com isso porque a grande parte do povo Surdo ainda não consegue ter acesso a esse tipo de material, ou por não conhecer ou por se tratar de questões

financeiras. Com isso compromete o desenvolvimento educacional que todo cidadão brasileiro tem direito.

Referências

ALBRES, N. A. **Surdos e inclusão educacional**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2010.

ALVES, A. C.C.; KARNOPP, L.B.; O surdo como contador de histórias. In: LODI, A.C.B.; Harrison.K.M.P.; CAMPOS.S.R.L.; TESKE.O. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.p.71-75.

AZEVEDO, F.; SARDINHA, M. **Modelos e práticas em literacie**. Lisboa: Lidel Edições técnicas, 2006.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão (educação infantil):** dificuldades de comunicação e sinalização - surdez. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

DIAS, T. R. S. e PEDROSO, C. C. A. Atendimento a alunos com surdez por meio de recursos da informática na Universidade de Ribeirão Preto. In: **Temas de desenvolvimento**. São Paulo: Memnon, v.9.n.49, p.29-34, março-abril, 2000.

GESUELI, Z. M. A intertextualidade na elaboração narrativa em Línguas de Sinais. In: LACERDA, C. B. F; GÓES. M. C.R.(org.). **Surdez processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Louise, 2000.p.95-112.

HACHIMINE, A.H. F. **O recontar de histórias em Libras por crianças surdas**. Ribeirão Preto: CUML, 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto, São Paulo, 2006.

HACHIMINE, A. H.F.; DIAS, T. R. S.; ROSA. A.L.M, O recontar histórias por crianças surdas em Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS. In: ALMEIDA, M.A.; MENDES. E. B.; HAYASHI. M. C.P.I.(org.). **Temas em Educação Especial: Deficiências sensoriais e deficiência mental**. Araraquara, São Paulo: Junqueira & Marin; Brasília, DF: CAPES-PROESP, 2008.p.155-165.

HESSEN, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda**, 2.ed. Canoas: ULBRA, 2007

HONORA, M. **Inclusão Educacional de alunos com surdez: Concepção e alfabetização: ensino fundamental, 1ºciclo**, São Paulo, Cortez, 2014.

KARNOPP, L. B. Sinais e olhares: Produções culturais em comunidades de surdos. In: MENDES, E.G.; ALMEIDA, M.A.(org.). **Das Margens ao Centro: perspectivas para políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva**. Araraquara, São Paulo: Junqueira & Marin, 2010.p.291-299.

_____. Literatura Surda. **Educação e Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, jun. 2006, p.98-108. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/repositorio/2009/10/pdf_c1ace51b2d_0006529.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2017.

KARNOPP, Lodenir Becker; MACHADO, Rodrigo N. **Literatura Surda: ver histórias em língua de sinais**. In: 2º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação – 2º Sbece. Canoas/ RS.

KELMA, C.A.; BRANCO, A. U. **Era uma vez narrativa literária em línguas de sinais como fator de desenvolvimento**. Linhas críticas, Brasília, v.9.n.16, jan./jun.2003.p.33-43. Disponível em:< <http://seer.bce.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/6443/5215>>. Acesso em: 23 fev. 2017

MORGADO, M. Literatura em Línguas Gestuais. In: KARNOPP, L.B.; KLEIN. M.; LAZZARIN. M.L. L.(org.). **Cultura surda na contemporaneidade e negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ulbra, 2011, p.151-171.

MOURÃO, C. H. N. Literatura Surda: produções culturais de surdos em línguas de sinais. In: KARNOPP, L.B.; KLEIN, M.; LAZZARIN. M.L. L.(org.). **Cultura surda na contemporaneidade e negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ulbra, 2011, p.71- 89.

QUADROS, R. M., SCHMIEDT, L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

ROSA, F.S. **Literatura Surda: Criação e produções de imagem e texto ETD**. Educação e Temática Digital, Campinas, v.7.n.2, jun.2006. p.58-64. Disponível em: < http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10158/ssoar-etd-2006-2-rosa-literatura_surda_criacao_e_producaosurda_em_livros_de_.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 mar. 2017.

ROSA, F.S.; KLEIN. M. O que sinalizam os professores surdo sobre a literatura em livros digitais. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN. M.; LAZZARIN. M. L..L.(org.). **Cultura surda na contemporaneidade e negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ulbra, 2011, p.91- 112.

SÁ, N. R. L. **Cultura e poder e educação de surdos**. Manaus: Editora da universidade federal do amazonas, 2002.

STROBEL, karin. **História da Educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2008.